

## VALENTE: ROMPENDO TRADIÇÕES

Luiza Tomita\*

**RESUMO:** Por meio da análise do perfil de nova personagem do filme animado *Valente*, este artigo quer refletir sobre o protagonismo das mulheres hoje, seu rompimento com valores e tradições patriarcais, como a educação formal, o desenvolvimento do corpo feminino, o casamento como arrimo e proteção, processos de busca de poder idealizados pelos pais, enfim, seu protagonismo na busca de novos valores e objetivos que lhe tragam independência das funções patriarcais que até hoje continuam mantendo as mulheres em lugares subordinados, principalmente na esfera religiosa.

**Palavras-chave:** contos de fadas, psicanálise, patriarcado, gênero, teologia feminista

### Valiente: rompiendo tradiciones

**RESUMEN:** A través del análisis del perfil de nuevo personaje de la película animada *Valiente*, este artículo quiere reflexionar sobre el protagonismo de las mujeres hoy, su ruptura con valores y tradiciones patriarcales como la educación formal, el desarrollo del cuerpo femenino, la boda como amparo y protección, procesos de búsqueda de poder idealizados por los padres y finalmente su protagonismo en la búsqueda de nuevos valores y objetivos que le traigan independencia de las funciones patriarcales lo que hasta hoy continúan manteniendo las mujeres en lugares subordinados, principalmente en la esfera religiosa.

**Palabras clave:** cuentos de hadas, psicoanálisis, patriarcado, género, teología feminista

---

\* Mestra em Estudos Bíblicos e doutora em Teologia Sistemática pela Universidade Metodista de São Paulo. Presidente de ASETT/EATWOT (Associação Ecumênica de Teólogos do Terceiro Mundo, na sigla em inglês).

## Valiant: breaking with traditions

**ABSTRACT:** Through the analysis of the character of the new cartoon *Valiant*, this article reflects on women's protagonist role today, their rupture with patriarchal values and traditions, such as formal education, the development of the female body, marriage as support and protection, power-seeking processes conceived by parents, and their role in the search for new values and goals that bring independence from patriarchal roles that still keep women in subordinate places, especially in the religious sphere.

**Keywords:** fairy tales, psychoanalysis, patriarchy, gender, feminist theology

### Introdução

Novos símbolos trazidos pela modernidade e pelas conquistas das mulheres e do feminismo são veiculados pela mídia, mostrando o novo perfil das mulheres que rompe com protótipos patriarcais. O que esses novos símbolos podem dizer às mulheres, principalmente do ponto de vista teológico? Por meio de uma heroína de filmes infantis, Merida, falaremos sobre o novo protagonismo das mulheres e o que isso pode significar para seu processo de libertação dentro das igrejas.

### Rompendo tradições...

Ao gritar “não estou preparada para me casar”, Merida surpreende seus pais, pois é mais um grito de guerra do que uma simples recusa ao casamento. Para as jovens princesas, lindas e meigas, dos contos de fada, o casamento com um príncipe era o ponto culminante de sua busca por meio das mais extraordinárias peripécias, como perder o sapatinho de cristal à meia-noite ou ser salva das garras de uma maléfica madrasta e refugiar-se na casa de anões na floresta.

Merida, a mais jovem das princesas dos contos infantis, vem romper com esse protótipo de princesas casadoiras que em tudo se adequavam ao sistema patriarcal e eram perfeitas para perpetuar o sistema de poder (real, hierárquico, autoritário), o sistema familiar (casamentos perfeitos com pares da própria estirpe, mulheres saudáveis, meigas, obedientes, submissas, aptas a gerar sua prole) e o sistema sociopolítico (heterossexual, consumista, na elite do sistema financeiro)

Merida é uma garota forte que enfrenta intrepidamente os perigos para fugir de um casamento arranjado pelo rei e pelos nobres para fortalecer alianças de poder. Ela enfrenta, não só o rei, seu pai, mas também a mãe, que quer que ela reproduza o protótipo da mulher submissa ao marido, que ela é. E, todos, em conjunto, representam o sistema patriarcal ou feudal, em que a hierarquia e o poder piramidal são o modelo de sociedade. A família nuclear também está aí representada, com pai, mãe, filha e filhos. Mas também coexistem as famílias de nobres guerreiros com quem o rei tem de fazer alianças para manter-se no poder. E chega a hora de estreitar as alianças, por meio do casamento dos nobres pretendentes com a jovem princesa.

Como analisar essa reviravolta no perfil da principal protagonista de um desenho animado para crianças, que sabe manejar perfeitamente o arco e também a espada? As produtoras de filmes, como a Disney, costumavam produzir, até meio século atrás, películas sobre princesas meigas e dóceis (Cinderela, Branca de Neve etc.) que estavam sempre à espera de seu príncipe encantado. A segunda metade do século XX as distanciou dos filmes românticos e as produtoras de filmes infanto-juvenis passaram a focar aventuras com garotos e para garotos, explorando aventuras perigosas ou futuristas. Porém, recentemente, uma empresa norte-americana especializada em desenhos animados, a PIXAR, lançou um filme com uma protagonista feminina e, para surpresa do público, totalmente às avessas do protótipo da princesa bem comportada: uma garota cheia de energia, alegre, vibrante, indômita e que prefere os esportes até então destinados aos homens: o arco e a flecha, a cavalgada, a esgrima, o alpinismo, ao invés de brincar de bonecas e casinha e sonhar com um príncipe e o casamento.

É um mercado não explorado, o das meninas; além disso, com uma heroína pouco convencional, mas que representa, simbolicamente, a mulher moderna, que luta por seus direitos, por um lugar no mercado de trabalho, por sua independência. Ela ousa enfrentar seu pai, o rei, e, por meio de ardil, tenta ganhar o apoio da mãe, que quer torná-la “como ela própria”. Isto quer dizer que os produtores estão apostando num novo público<sup>1</sup>, tanto feminino como masculino, que não aceita mais

---

<sup>1</sup> Ler o artigo na revista VEJA, 18 jul. 2012, p.113-115.

o modelo romântico de histórias infantis, nem jovens estereotipados que aceitam as imposições dos pais e da sociedade<sup>2</sup>. As mulheres vão se identificar com essa nova mulher, e uma porcentagem significativa de homens também reconhecerá nessa mulher alguém forte, em quem se pode confiar, porque franca, leal, decidida, lutadora e companheira fiel para todas as ocasiões.

A rebeldia contra o modelo patriarcal de sociedade aparece bem claro, não apenas na decisão de Merida de não aceitar um casamento arranjado, mas também nos homens que, ao serem provocados por Merida, dizem: “não queremos mais nos adequar aos desejos de nossos pais, queremos decidir sobre o nosso próprio destino...” Tanto ela como eles tomam consciência de que são marionetes nas mãos de seus nobres pais. Aqui temos um significativo rompimento com o modelo patriarcal de reprodução do casamento de conveniência que une os poderosos em torno de relações político-financeiras.

Antes de *Valente*, alguns anos atrás, outro conto de fadas que fez sucesso entre as crianças foi *Shrek*, a história de um ogro que liberta uma princesa, Fiona. Esta se apaixona por ele e o escolhe para marido, preterindo o príncipe escolhido por seus pais. Fiona abraça o casamento, mas rompe com o ideal de beleza física (o ogro é muito feio e ela própria se transforma numa ogra) e também com o tipo de matrimônio desejado pelos pais. Aqui já são duas importantes rupturas, mas ainda o ideal romântico do casamento persiste; não existe a busca da autonomia como ser humano.

### **A representação simbólica dos contos. A importância dos símbolos**

Os contos de fadas não se referem ao mundo exterior, mas têm uma natureza irreal. Bruno Bettelheim, ao aplicar o modelo psicanalítico

<sup>2</sup> Outra película que nos chamou a atenção é *Avassaladoras*, de Mara Mourão, 2002, comédia com atores e atrizes nacionais, em que uma jovem profissionalmente bem-sucedida está à procura do “par perfeito”, mas tem dificuldade em encontrar um homem com quem possa ter uma relação de fidelidade, cumplicidade e companheirismo. Ao final, conclui que não deve ficar obsecada em encontrar uma companhia sexual ou um marido para satisfazer os anseios da mãe/sociedade, mas que o importante é ser ela mesma, inteira naquilo que faz e vive. Ela rompe com o protótipo de garotas que buscam no casamento arrimo, proteção, segurança, solução para a solidão, enfim, rejeita o modelo de vida e casamento no qual as relações entre os gêneros são desiguais.

da personalidade humana na análise dos contos de fadas, acredita que eles transmitem importantes mensagens à mente consciente, à pré-consciente e à inconsciente, em quaisquer dos níveis que estejam em funcionamento no momento (2012, p. 12). Ele informa que os contos são um importante artifício porque revelam os processos interiores que têm lugar num indivíduo. Desta forma, têm um caráter terapêutico porque aí o *“paciente encontra suas próprias soluções, por meio da contemplação que a história parece sugerir acerca de si e de seus conflitos íntimos nesse momento de sua vida”* (2012, p. 36).

É importante lembrar que os contos de fadas trabalham em dois níveis: o imaginário (a estória propriamente dita) e o simbólico (a construção do enredo: o lugar, o momento de cada ação, as pessoas ou animais, os objetos, as cores, as formas, os números).

Há que considerar, no processo psicanalítico, que os símbolos não substituem simplesmente coisas ou pessoas, mas são *a própria coisa que se torna presente por meio de outras*. O símbolo realiza ou traz a coisa/pessoa por intermédio de outra. Por exemplo, num ritual, o símbolo tem a função de tornar presente o sagrado em uma interação entre deuses e humanos. O impacto de um símbolo não depende da aceitação racional, porque atua em níveis da psique distintos do nível racional. As imagens podem sobrepôr-se na imaginação, de tal forma que podem funcionar em níveis diferentes e até contraditórios, ao mesmo tempo, como falar de Deus como espírito e simultaneamente imaginá-lo como alguém do sexo masculino (CHRIST, 1994, p. 100). A relação dos símbolos com a realidade vivida é que eles têm de se identificar com uma determinada situação social/cultural; eles morrem ou perdem a eficácia quando perdem essa identificação.

Para que o/a leitor/a se interesse pelo conto, este deve revelar um sentido ao qual o leitor se apegue ou uma situação com a qual se identifique. Neste sentido, a identificação do leitor com o herói ou a heroína ocorre quando os contos modernos trazem os anseios/conflitos de nossas gerações com os quais se identificam. Em nosso caso, a recusa ao casamento e à vida estrita do lar mostra a atual tendência das mulheres que, cada vez mais, adiam o compromisso do casamento e da maternidade em favor de uma vida profissional bem-sucedida. Esta

personagem foi concebida por uma mulher, Brenda Chapman (embora tenha ganhado forma pela imaginação de um rapaz), que traz à tona essa situação conflituosa das mulheres de nossa sociedade contemporânea, que têm de lutar contra a família, o mundo, os preconceitos, para impor sua personalidade na busca de uma atividade ou profissão que as realize.

Merida simboliza a jovem que não está preocupada em casar ou ter filhos, que não quer reproduzir o modelo de mulher que é sua mãe, ou o modelo de família representado por seus pais, ou o modelo de poder hierárquico representado pelas autoridades políticas e pela nobreza na qual está inserida. Merida é o símbolo da mulher independente que quer tornar-se protagonista de seu próprio destino, rompendo com o protótipo de mulher dócil, destinada ao lar e à maternidade; ao contrário, usa seu corpo para realizar suas inclinações, seu desejo de ser livre e ter outro relacionamento com a natureza (cavalgar, desbravar florestas, escalar montanhas, lutar com feras) e com as pessoas. Enfim, quer ser ela mesma e não reproduzir nenhum modelo vigente.

### **Repressão sexual. O controle do corpo**

O patriarcado é o sistema com domínio do pai, produzindo o controle sobre a mulher nas instituições do matrimônio e da família. Baseia-se numa hierarquia piramidal, cujo topo é ocupado pelo *pater familias*, que não precisa ser o genitor ou o pai (pode ser o senhor feudal, o nobre, o rei), e que tem, na base, as mulheres, as crianças e os escravos. As crianças, ao crescerem, se forem do sexo masculino, podem ascender os níveis da pirâmide (mestres, administradores etc.), os escravos podem ser alforriados, porém as mulheres ficarão para sempre na base.

A definição de patriarcado é geralmente entendida como um sistema de dominação de gêneros, mas vai além: trata-se de um sistema hierárquico de amplo alcance que, segundo Aristóteles, seria, dentro da filosofia política, um nuançado sistema masculino de dominação e subordinação, autoridade e obediência, governantes e governados, na família e no Estado (cf. SCHÜSSLER FIORENZA, 1985/6, p. 10).

A separação patriarcal entre a esfera pública e o domínio privado feminino gera um sistema separado de economia para as mulheres; por

esse motivo, o controle/repressão sexual acontece tanto externa como internamente para que esse tipo de sociedade perpetue-se por meio de papéis sociais predeterminados, em que o corpo deve ser adaptado para esse fim.

O corpo das mulheres é educado para servir à casa, ao marido, aos filhos, ao âmbito doméstico. A esfera pública é o âmbito do homem, que sai de casa para trabalhar e prover o necessário à família. Para exercer o papel de provedor e protetor, seu corpo deve ser forte, por isso pratica esportes. As mulheres, até meio século atrás, costumavam ficar longe dos esportes e da academia para terem um corpo delicado, atraente ao marido.

O corpo de Merida é um corpo que não se ajusta ao patriarcado, porque é preparado para os esportes (manejo do arco e flecha, da esgrima, da cavalgada, do alpinismo). Este é mais um claro rompimento com a função dos corpos (masculino e feminino) estabelecida pelo patriarcado.

Antropólogas informam que o corpo é um meio de diagnosticar a vida social e política, sendo o *locus* dos processos sociais e das influências culturais (cf. LAMAS, 1994, p. 4). O corpo, além de ser um agente de cultura, é também um lugar prático direto de controle social (BORDO, 1997, p. 19). Sendo, um agente de cultura, o corpo estabelece uma estreita relação com o meio cultural no qual está inserido e é sujeito a manipulações pelas várias forças presentes na rede social.

Existem dois tipos de corpo: um que nasceu para dominar e outro que nasceu para ser dominado. O corpo dos homens é destinado a dominar, a lutar, por isso deve desenvolver a força física por meio de esportes. Já o corpo das mulheres é frágil, pois, preferencialmente, não desenvolve a força física: trata-se de um corpo destinado ao âmbito doméstico, da reprodução da prole e do cuidado da família. A ideologia do dominador e do dominado é uma importante faceta do patriarcado, que é hierárquico e exige subordinações. Para tanto, utiliza um instrumento que é a repressão, que pode ser um ato de domínio e de dominação sobre alguém que é submetido à vontade e à força alheia.

A repressão sexual é uma prática milenar que acontece em todas as sociedades, motivadas tanto por causas religiosas como políticas. Por meio da repressão sexual, a sexualidade é controlada não apenas para

ter filhos dentro do casamento, evitar o adultério etc., mas também para exercer o controle do corpo e da vida das mulheres.

Marilena Chauí esclarece que a repressão não é somente um ato exterior, uma imposição que vem de fora. Existe, também, um movimento interior, uma interiorização de códigos de permissão, proibição ou punição. Trata-se de *“um fenômeno sutil de interiorização das proibições e interdições externas (e, conseqüentemente, também das permissões) que se convertem em proibições e interdições (e permissões) internas, vividas por nós sob a forma do desagrado, da inconveniência, da vergonha... do sofrimento e da dor...”* (1984, p 13). Pode ser chamada de autorrepressão, que não é sentida como tal, pois interioriza os códigos de permissão, proibição e punição de uma forma involuntária, inconsciente, entre nosso psiquismo individual e procedimentos repressivos institucionais.

A visão da inferioridade e da subordinação das mulheres mostra que existe uma ideologia sexista e de despersonalização destas na religião e na sociedade. A ideologia que veicula a inferioridade e subordinação das mulheres é reproduzida por meio de um discurso androcêntrico, dentro do sistema patriarcal. A construção de estereótipos sobre a “natureza feminina” resulta da utilização do corpo das mulheres como elemento fundamental para as ideologias da “feminilidade”<sup>3</sup> (cf. CHAUI, 1984, p. 42).

Em alguns tipos de sociedade, as mulheres chegam a sofrer mutilações: seu corpo é torcido e distorcido para torná-lo um objeto de exibição e consumo claramente identificável. Os genitais mutilados, os pés amarrados para evitar seu crescimento, os pescoços absurdamente compridos (mulheres-girafa) e as cinturas “espartilhadas” seriam as expressões mais violentas dessa objetificação. Às mulheres é negado o direito de controlar seu próprio corpo. A elas é negada a possibilidade de tomar decisões relativas à reprodução, que seria fundamental para o exercício do controle sobre o corpo. Supõe-se que os homens são proprietários do corpo das mulheres, tendo, portanto, total acesso sexual a ele. As mulheres não podem furtar-se a seus avanços e nem decidir sobre o destino de seu esperma dentro de seu corpo. Elas são objeto de estupro se não tiverem a proteção de um homem. A teóloga

<sup>3</sup> Grifo nosso. Entendemos que “feminilidade” e sua forma adjetivada “feminino” são construções sociais associadas a estereótipos que inferiorizam as mulheres.

Rosemany Ruether afirma que o estupro não é resultado de um desejo sexual incontrolável, mas sinal do desprezo e hostilidade contra as mulheres. A evidência desta afirmação está no fato de que o estupro, normalmente, é seguido de violência e mutilação (1993, p. 146). Dá-se o nome de sexismo<sup>4</sup> a esse tipo de ideologia que objetifica o corpo das mulheres, encarando-o como mercadoria.

As ideologias sexistas reproduzem e tentam legitimar a ideia da inferioridade e da subordinação das mulheres. Estereótipos foram construídos para mostrar as mulheres como seres frágeis, emocionais, intuitivos, pouco ligados às atividades intelectuais, políticas. Seu âmbito é o do doméstico; sua função é a da maternidade. Para justificar esses estereótipos, todo um caminho foi feito para identificar as mulheres com os elementos menos valorizados da natureza e das atividades humanas. A primeira identificação foi com o corpo, que por sua vez foi considerado hierarquicamente inferior ao espírito e à razão.

Segundo Lamas, o feminismo colocou o corpo em sua agenda política para mostrar como as relações de gênero moldam e desenvolvem nossa percepção da vida em geral. Em particular, colocam em evidência a valoração, o uso e as atribuições diferenciadas que são dados aos corpos das mulheres e dos homens. Neste sentido, uma das ações prioritárias do feminismo é desconstruir o essencialismo<sup>5</sup> que envolve os conceitos de mulher e homem, com todas as consequências epistemológicas que isso implica (1994, p. 4).

### **Teologia feminista e o resgate do corpo**

Para Lisa Isherwood, teóloga inglesa, o feminismo entende que a história e o destino das mulheres estão escritos em nossos corpos de uma forma que o corpo não é somente um lugar de opressão, mas também de rebelião. É pela sexualidade que podemos encontrar uma

<sup>4</sup> Sexismo seria o privilégio de sexo dos homens sobre as mulheres. Os homens teriam sido, primariamente, aqueles que iniciaram essa forma de opressão, segundo Ruether, e teriam se beneficiado dela e a perpetuado, em termos legais e ideológicos. (RUETHER, 1993, p. 139).

<sup>5</sup> O essencialismo, também conhecido como “essencialismo biológico” é uma teoria que sustenta que a biologia afeta diretamente os seres humanos, dando-lhes características particulares. No caso das mulheres, sustenta a idéia de uma suposta “natureza feminina”. As características adquiridas histórica ou socialmente são rejeitadas ou confundidas como características biológicas. No caso das mulheres confirmaria uma suposta “essência feminina”.

linguagem contínua com nossos desejos. Se o corpo é o primeiro local da opressão das mulheres, deve ser, também, o melhor lugar para a desconstrução da ideologia sexista sobre elas, pois é por meio de nosso espaço mais íntimo que podemos ser colonizadas ou liberadas (cf. 2000, p. 21). Nosso corpo e nossa sexualidade são o que temos de mais próprio, mas do qual temos sido desapropriadas pelas colunas mestras do patriarcado, como a medicina, a religião, o direito, a psicologia. E é por meio desse lugar que devemos começar nossa revolução. Desta forma, um novo paradigma é oferecido pelo corpo das mulheres, na medida em que a presença corporal é um novo conhecimento que desafia a Palavra tradicional.

Do ponto de vista sociológico ou antropológico, Merida pode não representar grande novidade, nem comunicar um símbolo tão surpreendente para nós. Porém, do ponto de vista teológico, tem muito a nos dizer. O cristianismo ainda é, infelizmente, um dos grandes reprodutores do sistema patriarcal, em que a hierarquia masculina representa o poder absoluto com toda a pompa e circunstância. Todos os principais símbolos sagrados são masculinos e todo o poder é delegado aos representantes masculinos. Apesar de mais de um século de hermenêutica feminista (a Bíblia das Mulheres) e meio século de teologia feminista, pouco avançamos no que se relaciona às instâncias de poder nas igrejas cristãs, principalmente a Católica Romana.

Segundo a teóloga Schüssler Fiorenza, a Igreja, entendida como hierarquia clerical-patriarcal, excluiu a mulher dos postos de liderança, fixando-lhe os limites por meio do controle sexual. A política patriarcal adotada pela Igreja faz com que seus interesses girem ao redor de seus objetivos institucionais, ao invés de preocupar-se com as necessidades de seus membros e da humanidade em geral. É possível distinguir com clareza as forças que sustentam o patriarcado eclesiástico: obediência religiosa, dependência econômica e controle sexual (1985/6, p. 14).

### **À guisa de conclusão**

Existe um novo protótipo de mulher que está sendo veiculado pela mídia, por meio de comerciais, ou de filmes, para o grande público. Ela é a representação de uma tendência que encontramos todos os dias:

uma mulher independente, que vai para a universidade, que se prepara academicamente e se realiza na profissão. Preocupa-se menos em casar e ter filhos – de acordo com os desejos dos pais e avós – do que se realizar como pessoa humana. Essa busca pela realização humana das mulheres que, principalmente, no campo religioso realizava-se por meio do companheiro/marido pelo casamento, tem grande impacto na esfera religiosa, em que os valores ainda se baseiam numa visão androcêntrica e o poder é hierárquico e masculino. Refletir teologicamente sobre essas mudanças comportamentais, tanto do ponto de vista psíquico como simbólico, dá-nos um suporte para fazer avançar a emancipação das mulheres no campo teológico.

Merida é a representação gráfica dessa nova mulher, com o cabelo vermelho cacheado que não consegue ficar preso pelo penteado: não apenas mais uma personagem fictícia, mas o símbolo das novas mulheres que se rebelam contra as amarras da tradição. E, para nós, teólogas, pode indicar o caminho do resgate das mulheres que foram desaprovadas, rejeitadas, eliminadas ou invisibilizadas pela igreja patriarcal, a começar por Lilith, que está no ato de criação da humanidade, primeira companheira de Adão, passando por várias mulheres da Bíblia (Débora, Mírian, Madalena, Prisca, Febe) e outras, que nunca foram mencionadas, como Tecla, companheira de Paulo na evangelização.

Em nossa opinião, mulheres rebeldes, transgressoras como Mírian, Tecla, Madalena, Sór Juana Inez de la Cruz, Frida Kahlo oferecem-nos um modelo de reconciliação para o corpo feminino, inferiorizado, culpabilizado, violentado, excluído. Reconciliar-se tem a ver com “reabilitação”, “superação do pecado” (cf. 2 Co 5.18-21) e, do ponto de vista das mulheres, pode significar superação da culpa de Eva na transgressão às leis patriarcais no Gênesis. Neste sentido, mulheres novas têm que realizar a reconciliação para as mulheres. Isto quer dizer para nós, mulheres, que reconciliar com “todas as coisas, terrestres e celestes, estabelecendo a paz”, “tirando a mancha do pecado” (cf. Cl 1.20,22), significa desconstruir o pecado da mulher, abolir o pecado. Estas transgressões deverão assinalar que as mulheres podem alcançar sua autonomia, não apenas como cidadãs civis, mas também como cidadãs plenas do Reino.

## Referências bibliográficas

- BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas**. Trad. A. Caetano. 27. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2012.
- BORDO, Susan R. O corpo e a reprodução da feminidade: uma apropriação feminista de Foucault. In: JAGGAR, Alison M.; BORDO, Susan R. **Gênero, corpo, conhecimento**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1997, p.19-41.
- CHAUÍ, Marilena. **Repressão sexual: essa nossa (des)conhecida**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CHRIST, Carol. *Por qué las mujeres necesitan a la diosa*. In: RESS, M. Judith et al. (Eds.) **Del cielo a la tierra. Una antología de teología feminista**. Santiago: Sello Azul, 1994. p. 159-174.
- ISHERWOOD, Lisa (Ed.) **The good news of the body. Sexual theology and feminism**. Sheffield: Sheffield Academic Press, 2000.
- LAMAS, Marta. Cuerpo: diferencia sexual y género. **Debate Feminista**. Ano 5, v. 10, p. 3-31, set. 1994.
- RUETHER, Rosemary Radford. **Sexismo e religião**. Rumo a uma teologia feminista. São Leopoldo: Sinodal, 1993.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. Quebrando o silêncio: a mulher se torna visível. In: SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth et al. **A mulher: invisível na teologia e na igreja**. Petrópolis: Vozes, 1985-1986, p. 8-23. (reedição em livro da revista *Concilium*/202 – 1985/6: Teologia Feminista).
- VEJA. **Qual o pente que te penteia?** São Paulo, Abril, p.113-115, 18 jul. 2012.

## Filmes

- Título no Brasil: **Valente**. Título original: Brave. País de origem: EUA. Gênero: Animação. Dirigido p/ Steve Purcell. Estrelando: Kelly Macdonald e Billy Connolly.
- Título no Brasil: **Shreck**. Título original: Shreck. País de origem: EUA. Gênero: Animação. Dirigido p/ Andrew Adamson e Vicky Jenson. Estrelando: Mike Myers, Eddie Murphy e Cameron Diaz.
- Título: **Avassaladoras**. País de origem: Brasil. Gênero: Comédia. Dirigido p/ Mara Mourão. Estrelando: Giovanna Antonelli, Caco Ciocler, Reynaldo Gianecchini e Rosi Campos.

Submetido em: 29-9-2012

Aceito em: 29-1-2013